

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

HIGIENE DAS MÃOS NA PERSPECTIVA DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM E FISIOTERAPIA¹
HYGIENE OF HANDS IN THE PERSPECTIVE OF THE ACADEMIC OF NURSING AND PHYSIOTHERAPY

Laura Renner Bandeira², Letícia Flores Trindade³, Pâmela Naíse Pasquetti⁴, Catiele Raquel Schmidt⁵, Carine Feldhaus⁶, Marli Maria Loro⁷

¹ Resumo expandido realizado a partir de um projeto matricial do projeto Segurança do Paciente: Percepção de Profissionais de Saúde.

² Acadêmica do curso de Enfermagem ? UNIJUI. Bolsista de PIBIC/CNPq do projeto Clima de Segurança do Paciente

³ Acadêmica do curso de Enfermagem ? UNIJUI. Bolsista de PIBIC/CNPq do projeto A Demanda de cuidado de pacientes oncológicos em tratamento: proposta de intervenção pela convergência da pesquisa e prática educativa.

⁴ Acadêmica do curso de Enfermagem ? UNIJUI. Bolsista PIBIC/CNPq do projeto A Demanda de cuidado de pacientes oncológicos em tratamento: proposta de intervenção pela convergência da pesquisa e prática educativa.

⁵ Acadêmica do curso de Enfermagem ? UNIJUI. Bolsista de PIBIC/FAPERGS do projeto Clima de Segurança do Paciente.

⁶ Enfermeira. Residente pelo Programa de Residência em Enfermagem na Especialidade de Gerenciamento de Enfermagem em Clínica Médica e Cirúrgica da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

⁷ Enfermeira. Doutora em Ciências. Docente do Departamento das Ciências da Vida ? DCVida ? da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO: Para os profissionais que atuam nos serviços de saúde, as mãos são consideradas a principal ferramenta do cuidado, desse modo constitui-se como importante via de transmissão cruzada de infecções na assistência aos usuários (ANVISA, 2007). O mesmo autor infere ainda que, essa via, é considerada também, como possível reservatório de diversos patógenos, que podem transferir-se de uma superfície para outra, por meio de contato direto ou indireto, como objetos e superfícies contaminadas. Deste modo, cabe aos profissionais de saúde exercer e reconhecer a prática de Higiene de Mãos (HM) como elemento fundamental no cuidado. Esta, por sua vez, é uma medida individual, simples, de baixo custo, capaz de prevenir e evitar a propagação de Infecções Cruzadas Relacionadas a Assistência em Saúde (IRAS) e contribui para a qualidade no atendimento e, conseqüentemente, para um cuidado seguro (ANVISA, 2007), contemplando um dos aspectos da segurança do paciente. Apesar das evidências científicas comprovarem a importância das mãos na quebra da cadeia de transmissão das IRAS, ainda há baixa adesão dos profissionais de saúde à prática da lavagem das mãos, principalmente nos cinco momentos preconizados pelo Ministério da Saúde (MS) (ANVISA, 2007). Nesta perspectiva, os profissionais em formação assumem papel importante, sobretudo aos da Enfermagem e Fisioterapia, pois na academia realizam práticas curriculares, em que é proporcionado ao estudante contato direto com usuários dos serviços de saúde. Neste sentido, faz-se mister que frente ao paciente/usuário

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

estudantes observem regras de biossegurança, tanto na perspectiva da segurança do paciente como do estudante e/ou trabalhador, visto que podem estar atuando como veículos de transmissão de microrganismos, à medida que há conhecimento ineficaz sobre a HM. Dessa forma, essa temática deve ser introduzida precocemente na trajetória acadêmica, pois segundo Belela-Anacleto et al (2013), é notável o aprimoramento, conhecimento, atitudes e habilidades adquiridas pelos estudantes que tiveram tal tema discutido na sua formação. Importante lembrar que, por vezes tanto os acadêmicos, quanto os profissionais atuantes não observam adequadamente regras básicas e simples, como a da HM, banalizando-a o que pode ter repercussões negativas na saúde das pessoas assistidas. Nesta lógica, faz-se necessário aprimorar conhecimentos acerca da execução correta de HM, por meio da formação acadêmica, treinamentos, campanhas, oficinas que evidenciam os benefícios desta prática (SKOVODÁ et al, 2015). Para tanto, o objetivo do presente estudo, é analisar o conhecimento dos acadêmicos de Enfermagem e Fisioterapia a respeito da higiene de mãos.

MÉTODO: Estudo transversal, descritivo, de abordagem quantitativa, realizado com acadêmicos dos cursos de Enfermagem e Fisioterapia de uma universidade do interior do Rio Grande do Sul. O estudo foi realizado em consonância com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/2012. A coleta de dados foi realizada por integrante do grupo de pesquisa Segurança do Paciente: Percepção de Profissionais de Saúde, em junho a setembro de 2016 e junho de 2017. Para estabelecer o público participante, utilizou-se como critérios de inclusão: ser acadêmico de Enfermagem e Fisioterapia, ter cursado com aprovação a primeira prática acadêmica e ter idade igual ou maior de 18 anos. Como critério de exclusão, elencou-se: acadêmicos afastados das atividades curriculares no período da coleta, integrar grupo de pesquisa de Segurança do Paciente (por conhecerem o instrumento de coleta), não responder o questionário após três tentativas de contato. Os participantes assinaram o TCLE em duas vias. O instrumento de pesquisa foi o Teste de Conhecimento a Respeito da Higienização das Mãos para Profissionais da Saúde, validado pela OMS, autoaplicável, com 13 questões de múltipla escolha, e perguntas técnicas que avaliam o conhecimento técnico e científico (OMS, OPAS, ANVISA, 2008). Para identificar o perfil sociodemográfico dos acadêmicos, foram elaboradas 21 questões. A inserção e análise descritiva dos dados foram realizadas pelo programa PASW Statistics® (Predictive Analytics Software, da SPSS Inc., Chicago - USA) 18.0 for Windows. As variáveis estão descritas em números e percentuais. Para verificar a existência de associação entre as variáveis estudadas utilizou-se o teste Qui-quadrado de Pearson e Teste Exato de Fischer, consideradas estatisticamente significantes se $p < 0,05$.

RESULTADOS: Obteve-se um somatório de 138 participantes (70 deles alunos do curso de Enfermagem, e 68 pertencentes a Fisioterapia), sendo excluídos dois acadêmicos por estarem afastados das atividades curriculares no período, dez por participarem do Projeto de Segurança do Paciente e quatro por não serem encontrados em três tentativas de contato. Deste total, 119 (86,2%) são do sexo feminino, com idades entre 18 a 27 anos 101(72,37%), 96 (69,6%) solteiros, 114 (82,6%) sem filhos, 96 (69,6%) residem com os pais, e 54(39,1%) estão entre o quinto/sexto semestres do curso. Dados referentes a fricção com preparação alcoólica e higiene de mãos com água e sabonete, estão representados na tabela 1.

Tabela 1: Conhecimento de acadêmicos de Enfermagem e Fisioterapia frente a fricção das mãos com preparação alcoólica e higienização de mãos com água sabonete.

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Quais das seguintes afirmações sobre a fricção antisséptica das mãos com preparação alcoólica e a higienização das mãos com água e sabonete são verdadeiras:	Total Verdadeiro N (%)	Geral Verdadeiro N (%)	Enfermagem Verdadeiro N (%)	Fisioterapia Verdadeiro N (%)	P
a) friccionar as mãos com preparação alcoólica é mais rápido do que higienizá-las com água e sabonete.	107(77,5%)	50(71,4%)	57(83,8%)	0,081*	
b) friccionar as mãos com preparação alcoólica resseca mais a pele do que higienizá-las com água e sabonete.	97(70,3%)	54(77,1%)	43(63,2%)	0,074*	
c) friccionar as mãos com preparação alcoólica é mais eficaz contra os microrganismos do que higienizá-las com água e sabonete.	67(48,6%)	25(35,7%)	42(61,8%)	0,002*	

Fonte: dados da pesquisa. *Nível de significância <0,05.

Deste modo, para 67(48,6%) respondentes a fricção de preparação alcoólica é mais eficaz do que a higienização das mãos com água e sabonete, e para 107 (77,5%) deles o método de higiene com fricção alcoólica é realizada em menor tempo, quando comparada a efetivada com água e sabonete. Para 54(77,1%) graduandos do curso de Enfermagem, a preparação alcoólica é mais prejudicial para a pele. Resultados mostraram relação estatisticamente significativa acerca do entendimento dos participantes no que se refere a friccionar as mãos com preparação alcoólica é mais eficaz contra os microrganismos do que higienizá-las com água e sabonete. Na tabela 2, são explicitados resultados em relação as superfícies com potencial contaminante das mãos.

Tabela 2: Conhecimento de acadêmicos de Enfermagem e Fisioterapia em relação as superfícies com potencial contaminante das mãos.

Quais das seguintes superfícies podem contaminar suas mãos com microrganismos que você pode transmitir aos pacientes se não higieniza-las antes de toca-lo?	Total Sim N (%)	Enfermagem Sim N (%)	Fisioterapia Sim N (%)	P
a) A maçaneta da porta do quarto do paciente.	136(98%)	69(98,6%)	67(98,5%)	0,984**
b) A roupa de cama do próprio paciente.	97(70,3%)	52(74,3%)	45(66,2%)	0,297*
c) A pele intacta de outro paciente.	95(68,8%)	54(77,1%)	41(60,3%)	0,033*
d) A pele intacta do próprio paciente.	69(50%)	43(61,4%)	26(38,2%)	0,006*
e) O prontuário do paciente.	98(71%)	45(64,3%)	53(77,9%)	0,077*
d) As paredes do quarto do paciente	101(73,2%)	56(80%)	45(66,2%)	0,067*
g) A mesa de cabeceira de outro paciente.	123(89,1%)	66(94,3%)	57(83,8%)	0,049*

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Fonte: dados da pesquisa.

*Nível de significância $<0,05$. ** Fisher's Exact Test

No que se refere as superfícies com potencial de contaminar as mãos 136 (98%) dos acadêmicos, de ambos os cursos, reconhecem a maçaneta da porta como meio de contaminar as mãos. Contudo, 41 (60,3%) e 26 (38,2%) dos respondentes do curso de Fisioterapia consideram, respectivamente, a pele intacta de outro paciente e do próprio paciente como meio de contaminar as mãos. O conhecimento dos participantes em relação a pele intacta do próprio paciente ter potencial de contaminar suas mãos revelou-se estatisticamente significativo. Ainda, para os estudantes de Enfermagem, a roupa de cama do paciente 52(74,3%), assim como o seu prontuário 45(64,3%), as paredes do quarto do paciente 101(73,2%) e a mesa de cabeceira de outro usuário 123 (89,1%) são superfícies capazes de contaminar as mãos.

DISCUSSÃO: O perfil sociodemográfico deste estudo vai ao encontro a outro em que avaliou o conhecimento de higiene das mãos de estudantes realizado em uma Universidade de São Paulo, em que obteve-se que 84 (77,1%) estudantes eram do sexo feminino e com média de idade de 22,84 ($\pm 2,82$) (BALELA-ANACLETO et al, 2013). A HM é uma temática importante, e percebe-se que discuti-la durante a graduação é indispensável, pois evidencia-se a partir dos resultados que o conhecimento influencia positivamente na realização da técnica e, conseqüentemente seus benefícios no cuidado. Para Prado et al (2014), a qualidade da HM depende do desempenho da técnica adequada, da correta indicação de quando realiza-la e da aceitabilidade aos produtos disponíveis.

Neste sentido, 77% dos respondentes afirmaram que a fricção das mãos com preparação alcoólica é mais rápida do que higienizá-las com água e sabonete, o que vai ao encontro do preconizado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) (2009), que sugere que a fricção deve durar de 20 a 30 segundos, enquanto que com água e sabonete de 40 a 60 segundos. Deste modo, o menor tempo de ação da preparação alcoólica, atua como meio estimulante a higiene de mãos (PITTET, 2008, apud PRADO et al, 2014). Necessário destacar que ambos os métodos são eficazes e possuem indicações diferentes. Segundo a ANVISA (2009), a higiene com água e sabonete remove os microrganismos que colonizam as camadas superficiais da pele, assim como o suor, a oleosidade e as células mortas, retira a sujidade, contudo propicia a permanência e a proliferação de microrganismos, enquanto que a preparação alcoólica reduz a carga microbiana das mãos e não as sujidades. Destaca-se que o uso frequente dos agentes químicos para higiene das mãos, pode levar ao ressecamento destas áreas, que segundo Melo et al (2017), atuam como uma barreira para a não adesão da técnica. Resultados demonstram discordância de conhecimento entre os graduandos de Enfermagem e Fisioterapia, pois em percentual menor (38,2%) os acadêmicos de Fisioterapia consideraram que a pele intacta do paciente tem potencial contaminante. Contudo, para os mesmos respondentes a pele intacta de outro paciente é considerada fonte de microrganismos, o que sugere que o potencial de contaminação só é empregado quando há situação de risco evidente (MARTINEZ et al 2014). Grande parte dos estudantes reconheceu o potencial de contaminação por meio da maçaneta da porta, que é verdadeiro, pois a contaminação das mãos dos profissionais pode ocorrer durante o contato direto com o paciente ou por meio do contato indireto com produtos e equipamentos no ambiente próximo a ele (ANVISA, 2007). É fundamental que ocorra construção do conhecimento acerca da HM durante a academia, pois a insipiência atua como meio dificultador na adesão da técnica

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

(MELO et al, 2017). Treinamentos, discussões, feedbacks são métodos capazes de influenciar e mudar o cenário atual, reforçando a importância da lavagem de mãos para um cuidado seguro.

CONCLUSÃO: Resultados permitem inferir que os respondentes apresentam conhecimento sobre a temática, a medida que reconhecem sua necessidade na quebra da cadeia de transmissão de microrganismos. Reconhecem que a fricção das mãos com preparação alcoólica é mais rápida do que higienizá-las com água, assim como de que a pele intacta do próprio paciente ter potencial de contaminar suas mãos revelou-se estatisticamente significativo no estudo. Assim sendo, importante que a academia atente para aspectos da segurança do paciente, entre eles, a HM.

DESCRITORES: Higiene das mãos; lavagem das mãos; segurança do paciente.

KEYWORDS: Hand hygiene; Hand disinfection, Patient Safety.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL, Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA. Segurança do paciente: Higienização das Mãos. Brasília (DF): MS; 2009.
2. BRASIL, Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Higienização das mãos em serviços de saúde. Brasília, 2007, p. 52.
3. BELELA-ANACLETO, Aline Santa Cruz et al. Higienização das mãos e a Segurança Do Paciente: Perspectiva de docentes e universitários. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2013; Out-Dez; 22(4): 901-8.
4. MARTINEZ, Juliana et. al. Higienização das mãos: conhecimento dos estudantes. Cienc Cuid Saude 2014 Jul/Set; 13(3):455-463
5. MELO, Gabriela de Sousa Martins. Semiologia e semiótica da enfermagem: avaliação dos conhecimentos de graduandos sobre procedimentos. Rev Bras Enferm, 2017;70(2):249-56. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reben/v70n2/pt_0034-7167-reben-70-02-0249.pdf
6. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Guia Para Implementação: Um Guia para a implantação da estratégia multimodal da OMS para a melhoria da higienização das mãos a observadores: estratégia multimodal da OMS para a melhoria da higienização das mãos. /Organização Mundial da Saúde; tradução de Sátia Marine - Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; Agência Nacional de Vigilância Sanitária., 2008. 63 p.: il. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/servicosade/controle/higienizacao_oms/guia_de_implement.pdf
7. PRADO, Maria Fernanda, MARAN, Edilaine. Desafio ao uso das preparações alcoólicas para higienização das mãos nos serviços de saúde. Esc Anna Nery 2014; v.18(3): p. 544-547. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v18n3/1414-8145-ean-18-03-0544.pdf>;
8. ŠKODOVÁ, M.; et.al. Avaliação da qualidade da técnica de higiene das mãos em alunos de enfermagem e medicina em dois cursos de graduação. Rev. Latino-Am. Enfermagem; v.23(4): p.708-17, jul-ago 201